

Revista Appai

EDUCAR

DIGITAL

Informação ao Profissional de Educação

ENTRE QUADRAS E CORREDORES, A FORÇA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ano 28 - 181 - 2025 - CIRCULAÇÃO DIRIGIDA - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Mesmo sem estrutura ideal, a disciplina resiste e se reinventa, revelando sua potência como espaço de aprendizado, inclusão e transformação

EXPEDIENTE

CONSELHO EDITORIAL

Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

JORNALISTA EDITORA

Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

DESIGNER

Yasmin Gundim

REVISÃO

Sandro Gomes

COLABORAÇÃO

Luiz André Ferreira
Sandro Gomes

COLABORAÇÃO DE TEXTOS E PESQUISAS

Jéssica Almeida

SUMÁRIO

4

LÍNGUA PORTUGUESA

O QUE O PORTUGUÊS DO BRASIL HERDOU DA ÁFRICA?

7

MATEMÁTICA

QUANDO APRENDER VIRA CONQUISTA

13

MATÉRIA DE CAPA

ENTRE QUADRAS E CORREDORES, A FORÇA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

23

EDUCAÇÃO INFANTIL

UM MERGULHO NA CULTURA INDÍGENA

29

TECNOLOGIA

DO CLIQUE À CONSCIÊNCIA

33

CONEXÃO EDUCAR

ENSINAR NUNCA FOI TÃO DIVERTIDO!

37

COLUNA SOCIOAMBIENTAL

ESCOLAS PIONEIRAS

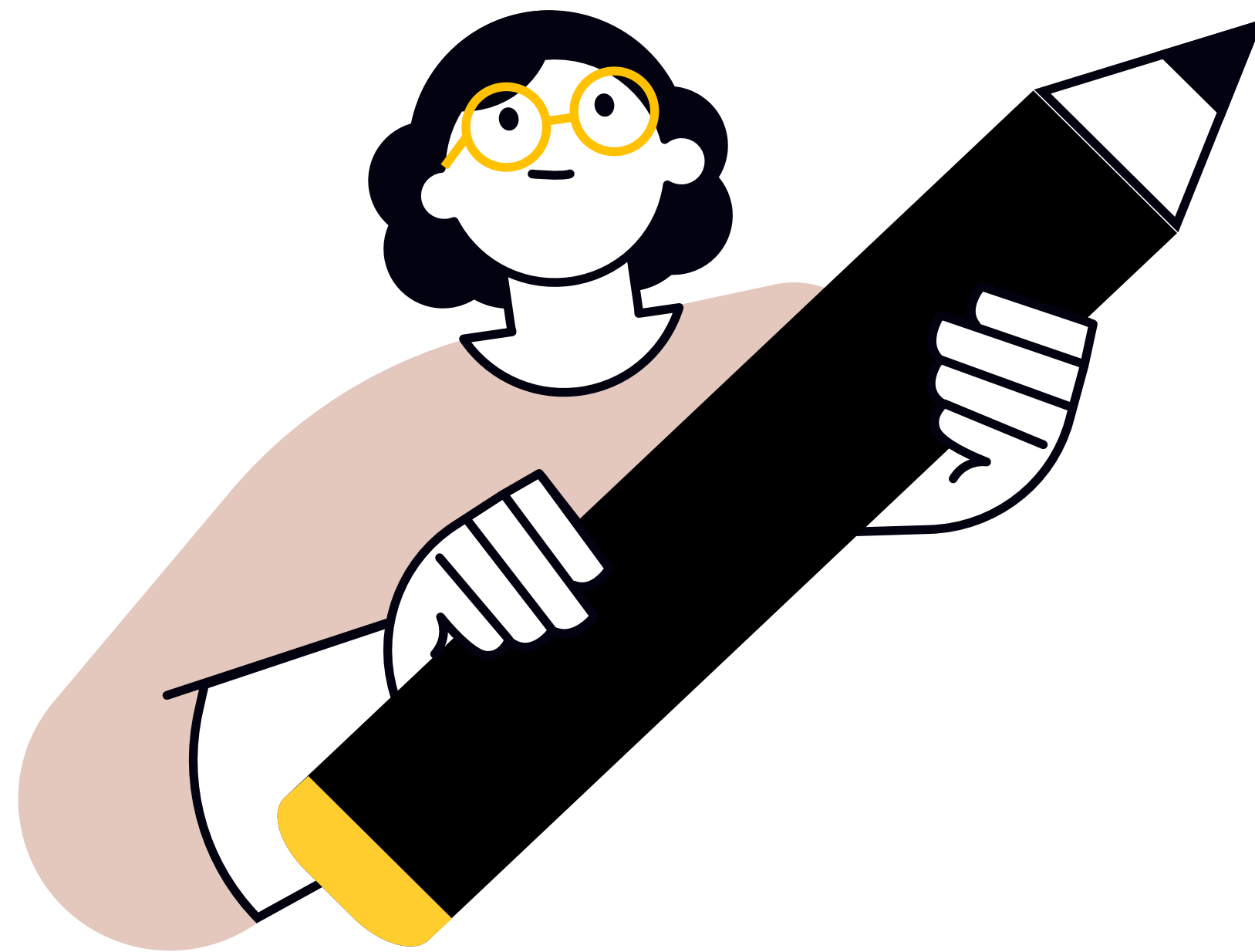
39

CIDADANIA

PROTAGONISMO ESTUDANTIL EM AÇÃO

O QUE O PORTUGUÊS DO BRASIL HERDOU DA ÁFRICA?

LÍNGUA PORTUGUESA • POR SANDRO GOMES*



Nesse mês em que celebramos no país o Dia da Consciência Negra, vamos dedicar a coluna a algumas considerações sobre os falares africanos e as suas muitas influências na forma brasileira de utilizar o português. Em geral, os estudiosos das contribuições dos falares africanos destacam duas grandes influências, provenientes de duas matizes culturais de grande importância ao longo dos anos. São elas:

a) as línguas originárias dos povos de cultura banto, praticantes de idiomas que muito influenciaram a nossa maneira de falar o português, como o bacongo e o ovimbundo.

b) as línguas provenientes dos grupos culturais da África Ocidental, com destaque para um idioma formado por uma infinidade de falares semelhantes, que entre nós ficou conhecido como iorubá.

A forma de os africanos empregarem a língua portuguesa que aprenderam aqui é um estudo muito importante, porque daí saíram vários fenômenos linguísticos que estão no dia a dia, na oralidade e nas criações brasileiras. Vamos conhecer alguns deles?

– Omissão da última consoante nas palavras: as formas infinitivas dos verbos são um bom exemplo. Os portugueses pronunciam muito claramente o “r” final dessas palavras e até acrescentam mais alguma coisa (exemplos: *falaire*, *dizere* etc.).

Entre nós esses fonemas finais praticamente não são pronunciados e, quando o são, constituem uma flagrante exceção. Assim, basta observar a fala de qualquer brasileiro para percebermos frases como:

*Vou te **dizê** uma coisa.
Chega de **falá** nisso!*

– **Palatalização das consoantes “d” e “t” quando precedem a vogal “i”:** o falar dos povos de origem africana popularizou por todo o país pronúncias como as que a maioria de nós usa em palavras como “dia” (*djia*) ou “artigo” (*artchigo*). Essa forma de falar se espalhou com tamanha intensidade que acabou por transformar-se na forma padrão do português brasileiro. A tal ponto que se costuma classificar como falar regional ou sotaque a forma com que palavras com esse fonema são pronunciadas, por exemplo, na região Nordeste, onde o uso preserva o falar mais próximo dos portugueses.

– **Dissimilação:** trata-se de um processo de mudança linguística em que há a troca de um ou mais fonemas, resultando em um diferente. A palavra *perigo* (“perigo”, no idioma de origem) é um bom exemplo. É

conhecida dos estudiosos da língua portuguesa a dificuldade de alguns falantes de idiomas vindos da África de pronunciar certos grupos consonantais. O resultado, nesse caso, foi a supressão do “r”, provocando mudança no próprio radical, como se pode ver em alguns exemplos de derivação: *perigoso*, *periguei* etc.

– **Aférese:** ocorre quando há uma supressão de fonemas no início da palavra. São atribuídas aos falares africanos formas como *tá* (está), falada generalizadamente em todo o país, e *ocê* (você), muito praticada em algumas regiões brasileiras.

– **Redução:** é a alteração nos ditongos “ei” e “ou”, também atribuída à pronúncia de falantes africanos, e que constitui outro fato bastante presente em nosso cotidiano. Deu origem a pronúncias como *chêro* em vez de “cheiro” e *lôco* no lugar de “louco”.

– **Apócope:** constitui um falar bem típico das pessoas do interior do Brasil quando ocorre a supressão de fonemas, principalmente o “l” e o “r”, no final das palavras. São os casos de vocábulos como *generá* (general) e *mé* (mel), muito usados na fala espontânea de muitos habitantes de

certas regiões do país, independente da escolaridade e do domínio da norma culta (mesmo muitos escolarizados pronunciavam dessa forma).

– **Vocalização:** trata-se de outro processo muito comum na fala registrada pelo interior brasileiro, onde encontramos termos como *muié* (mulher) e *oiada* (olhada). Nesses exemplos ocorre a substituição do “lh” pelo “i”, processo que consiste em empregar fonemas nos quais predominam sons vocálicos no lugar daqueles que originalmente mantinham sons consonantais. Devemos a esse processo a própria forma de pronunciarmos o nome do nosso país: *Brasiu*, com som de “u” no final em substituição ao “l”, pronunciado de modo muito palatal pelos portugueses.

– **Ditongação:** encerrando esse rico estudo dos falares brasileiros influenciados por falantes de origem africana, usamos mais um processo de formação de palavras. A ditongação consiste na inclusão de uma semivogal ao lado de uma vogal já existente, formando um ditongo. Palavras como “mês” ou “paz”, que em muitos pontos do país se pronuncia como se houvesse a inclusão de um “i” (*meis*, *paiz*), são alguns exemplos.



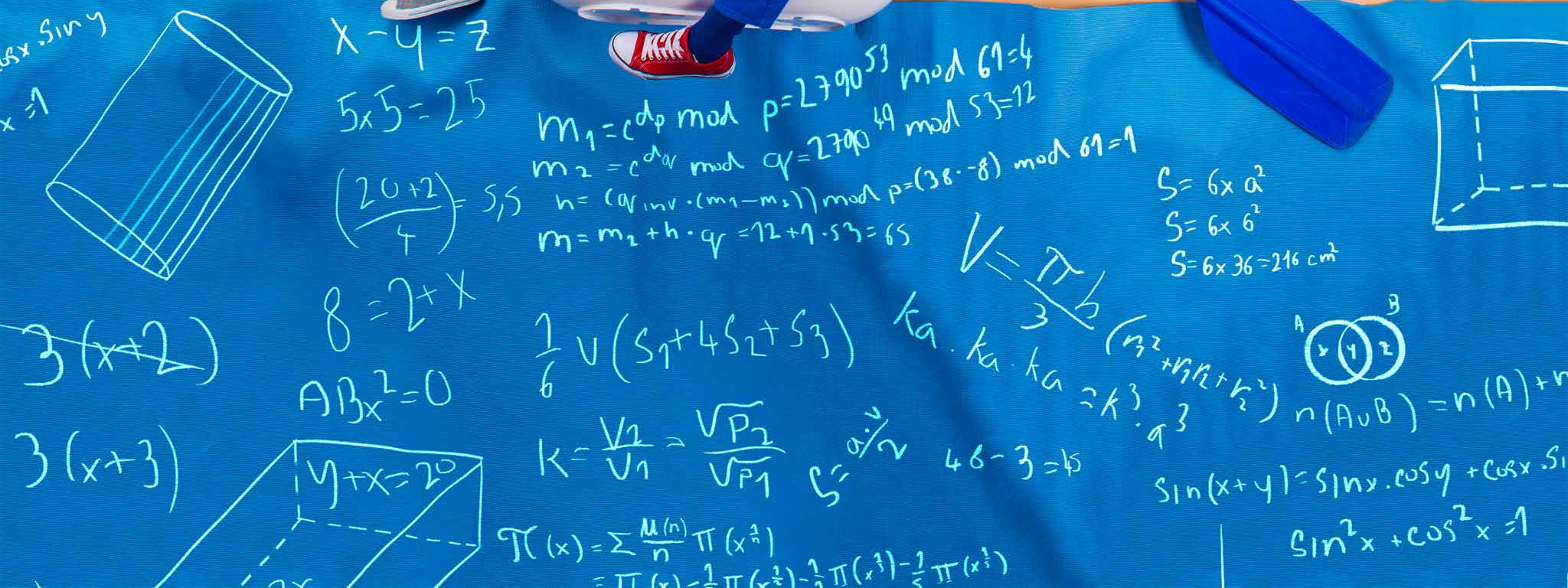
*Sandro Gomes é graduado em Língua Portuguesa, Literaturas brasileira, portuguesa e africana de língua portuguesa, redator e revisor da Revista Appai Educar, escritor e Mestre em Literatura Brasileira pela Uerj.

Alguns dos casos citados acima ocorrem com muita frequência na fala popular de áreas menos atingidas pela cultura urbana, o que em nada reduz seu valor linguístico, haja vista que tais formas de expressão foram sempre representadas em termos estéticos, por nossos grandes expoentes da literatura.

Aqui abordamos apenas alguns casos, mas não há dúvida que se está diante de um tema muito vasto e que ainda carece de mais pesquisas. Se você se interessa por esse assunto, quem sabe não nos trará algumas novidades? Os estudos da língua portuguesa falada no Brasil certamente vão agradecer. Até a próxima, pessoal!

MATEMÁTICA

A photograph of a young boy and a young girl sitting in a white bathtub. The boy, on the right, is wearing a white t-shirt and blue pants, holding a blue paddle. The girl, on the left, is wearing a blue and white striped shirt and red pants. They are both looking surprised. The bathtub is placed on a blue surface that looks like water, with various mathematical formulas written on it in white chalk. The background is a plain, light-colored wall.



O

gosto pela matemática está ganhando força entre alunos do Colégio Pedro II – Campus Engenho Novo I. Por meio

do *Clube de Matemática*, projeto de iniciação científica júnior desenvolvido com o apoio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, estudantes do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental estão descobrindo novas formas de pensar, resolver problemas e trabalhar em equipe. Idealizado pela professora Joycimar Barcellos, o projeto reúne semanalmente quinze alunos, entre 9 e 12 anos, em um espaço colaborativo voltado à resolução criativa de problemas matemáticos.

APRENDIZADO POR MEIO DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

O objetivo principal do *Clube de Matemática* é criar um ambiente de aprendizagem que estimule o raciocínio lógico, a cooperação e o interesse pela matemática de forma lúdica e desafiadora. Durante os encontros, os alunos se dedicam a atividades que envolvem estratégias pessoais de resolução de problemas e compartilhamento de ideias, desenvolvendo a chamada eficácia comunicativa, a capacidade de expressar claramente o raciocínio por trás de cada resposta. Esse processo de socialização e análise coletiva permite que os estudantes avaliem suas próprias estratégias, aprendam com os colegas e aprimorem suas soluções, fortalecendo tanto as competências cognitivas quanto as socioemocionais.





PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS E OLIMPIADAS

Os integrantes do *Clube de Matemática* têm ampliado suas experiências por meio de eventos científicos e competições, como o Festival Nacional da Matemática (Impa), o Festival da Ciência da Prefeitura do Rio de Janeiro e encontros promovidos por instituições acadêmicas como UFF, UFRN e Colégio Pedro II. Os alunos também participaram de diversas olimpíadas de Matemática, entre elas a Olimpíada Brasileira de Raciocínio Lógico, o Desafio Internacional de Pensamento Computacional (Bebras Brasil), a OBMEP Mirim, o Concurso

Internacional Canguru de Matemática, a Olimpíada Mandacaru e a Olimpíada Internacional Matemática Sem Fronteiras.

O desempenho dos jovens cientistas resultou em medalhas de ouro, prata e bronze, incluindo conquistas na OBMEP Mirim, na Olimpíada Brasileira de Raciocínio Lógico e na Olimpíada Internacional Matemática Sem Fronteiras. Além das premiações, os alunos desenvolveram habilidades socioemocionais, como autoconfiança, espírito de equipe e resiliência diante de desafios.



APRENDIZADO COLABORATIVO E IMPACTO POSITIVO NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS

Mais do que um espaço de estudo, o *Clube de Matemática* se tornou um laboratório de ideias, onde cada participante tem voz e pode compartilhar suas descobertas. O ambiente colaborativo e acolhedor tem estimulado os alunos a se expressarem, respeitarem as diferentes formas de pensar e aprenderem com o erro, aspectos fundamentais para o desenvolvimento integral. Ao adotar uma metodologia baseada em desafios reais, o projeto contribui para despertar o interesse por ciências, tecnologia e inovação, além de incentivar a continuidade dos estudos na área.

A aluna Ana Luiza Sant'Anna, da turma 502, conta que o *Clube de Matemática* a ajudou a pensar mais rápido, se apresentar melhor e perder a inibição. “Antes eu tinha 30% de vergonha, agora tenho zero por cento! Ganhei muitas habilidades novas, treinei as que já tinha e fiquei muito feliz, porque o clube me ajudou a conquistar medalhas e a aprender coisas novas. Espero que esse projeto continue até o 6º ano!”, afirma.

MATEMÁTICA COM PROPÓSITO E CURIOSIDADE

As atividades do *Clube de Matemática* continuam ao longo de 2025 e prometem novos desafios, experiências e aprendizados. A proposta de unir curiosidade, cooperação e raciocínio lógico está transformando a relação dos alunos com a matemática e mostrando que, quando a aprendizagem é significativa, os resultados vão muito além dos números.

Colégio Pedro II – Campus Engenho Novo I

Rua Barão do Bom Retiro, 726 – Engenho Novo – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 20715-003

Tel.: (21) 2163-7886

E-mail: cen1@cp2.g12.br

Fotos cedidas pelo colégio



ENTRE QUADRAS E CORREDORES, A FORÇA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

MATÉRIA DE CAPA • *POR ANTÔNIA FIGUEIREDO*



Mesmo sem estrutura ideal, a disciplina resiste e se reinventa, revelando sua potência como espaço de aprendizado, inclusão e transformação

De vilas olímpicas a corredores de escola, a Educação Física mostra que o aprendizado acontece onde há vontade de se mover e ensinar. Mesmo diante da ausência de quadras, materiais e espaços adequados, muitas escolas brasileiras têm transformado limitações em potência criativa. Professores e professoras reinventam suas práticas, fazendo de cada metro quadrado um território de descobertas, convivência, superação e, cada vez mais, de inclusão e letramento digital.

A Educação Física, nesse contexto, vai além do movimento: torna-se espaço de construção de valores éticos, de respeito às diferenças e de uso crítico das tecnologias. Seja com jogos adaptados, recursos digitais simples ou metodologias ativas, o corpo em movimento também aprende a pensar, sentir e conviver.

Para ilustrar essa força que nasce da criatividade docente, a Revista Appai Educar ouviu três educadoras que fazem da prática corporal um instrumento de transformação: Elaine Suter de Souza, professora da E Mz 478 - Ciep Odilon Bernardes, em Itaboraí, Rio de Janeiro; Renata Pine, docente da rede municipal do Rio de Janeiro; e Adriana Barbosa Machado, professora da Vila Olímpica Félix Mieli Venerando, em Honório Gurgel, Zona Norte do Rio.

TRANSFORMANDO ESPAÇOS PEQUENOS EM GRANDES AVENTURAS

Na escola Ciep 478 Odilon Bernardes, em Itaboraí, a professora Elaine Suter de Souza aprendeu a converter o que parecia limitação em potência. “Eu tento utilizar o espaço em que eu consiga transformar a vida do aluno de forma lúdica, para que ele se movimente e se sinta livre e feliz para brincar”, explica. Mesmo em ambientes reduzidos, Elaine cria dinâmicas que resgatam a alegria do movimento.

O segredo, segundo ela, está na criatividade. “Muitas vezes o espaço é pequeno e não temos material, mas eu levo o que posso e também uso o que há ao redor. Já fizemos o Dia da Pipa, com sacolas plásticas recicladas que viraram pipas, e foi só alegria. Todos amaram”. A atividade, além de estimular o corpo, também ensina sobre sustentabilidade e reaproveitamento de materiais, uma lição que vai além da quadra e alcança o cotidiano dos alunos.





QUANDO O CORPO APRENDE, A ESCOLA TAMBÉM SE REINVENTA

Essa capacidade de adaptação é partilhada por outros docentes, como Renata Pine, que leciona para turmas da Educação Infantil e Fundamental I. Ela ressalta que o planejamento começa sempre a partir da realidade do aluno. “As estratégias são construídas coletivamente, com rodas de conversa e escuta ativa. Assim, a criança entende o propósito de cada atividade e se envolve mais”.

Sua prática é marcada por metodologias inovadoras, como o projeto que une leitura e movimento. Inspirada pelo Instituto Esporte Educação, Renata utiliza livros infantis e infantojuvenis como ponto de partida para atividades corporais que envolvem dramatização, criação de cenários e uso de materiais recicláveis. “Através da leitura, identificamos os movimentos das narrativas e os levamos para a quadra ou para o pátio. Criamos cenários, materiais recicláveis e até fantasias”, conta.

Entre as experiências mais marcantes, ela destaca a adaptação do clássico “Os três porquinhos”, em que os pequenos exploraram deslocamentos, o sopro do lobo e a dança da alegria ao final da história. “As crianças se envolvem, dramatizam e aprendem o movimento com significado”, afirma.

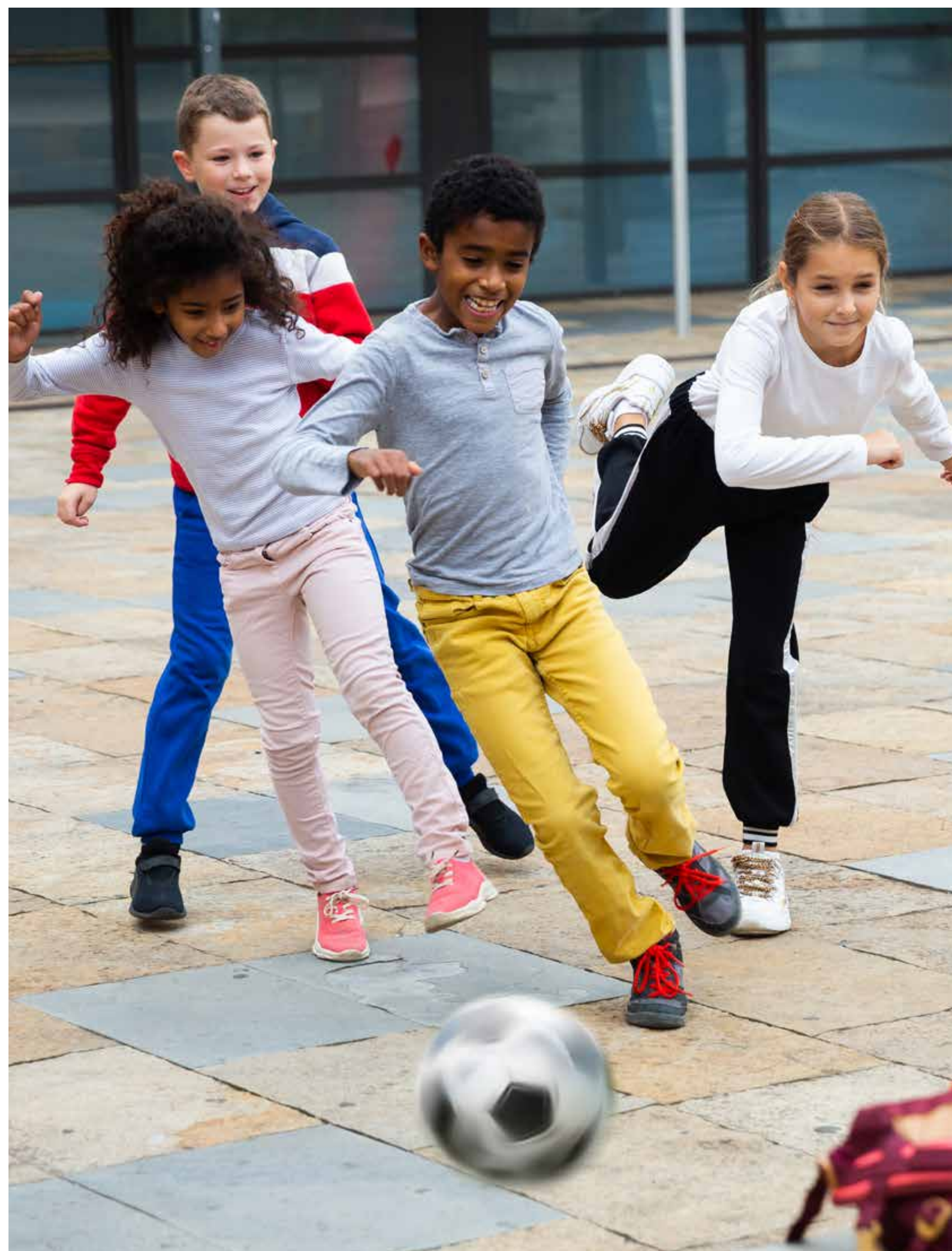
O projeto nasceu após uma formação em parceria com o Instituto Esporte Educação. “Foi uma capacitação nos moldes de uma pós-graduação, e tive a chance de aplicar o

que aprendi em sala. O resultado foi tão inspirador que o projeto virou tema de um documentário sobre as melhores metodologias do país”. A experiência pode ser conferida no [youtube](https://www.youtube.com/watch?v=...), que mostra as crianças em ação durante as aulas. Já os princípios da metodologia que inspirou o trabalho de Renata estão detalhados no site esporteeducacao.org.br. A experiência reforça a importância da formação continuada como motor de inovação pedagógica, permitindo que os professores ampliem repertórios e transformem suas práticas.



MOVIMENTO QUE FORTALECE EMOÇÕES

Se por um lado Renata aposta na potência da linguagem para mover o corpo, Elaine Suter destaca como o movimento pode transformar emoções. Em sua prática cotidiana, ela observa como pequenas conquistas físicas, como arremessar um objeto ou completar uma corrida, reverberam em grandes avanços emocionais. “Quando o aluno lança uma bola ou corre, ele vence um medo. Ele percebe que é capaz, e isso muda tudo. A Educação Física transforma a autoestima e ajuda o estudante a acreditar em si mesmo”, afirma, reforçando o papel da disciplina na construção da autoconfiança e no enfrentamento de barreiras internas.



Ela também chama atenção para os desafios enfrentados pelos profissionais da área. “Hoje está cada dia mais difícil, principalmente nas escolas. É uma luta diária para mostrar a importância da Educação Física escolar. Ainda há quem ache que qualquer um pode dar aula, mesmo sem formação. Precisamos reafirmar nosso papel o tempo todo, para alunos, colegas e até gestores”. Sua fala ecoa uma realidade comum a muitos educadores: a necessidade constante de defender a relevância da disciplina em um cenário de escassez de recursos e reconhecimento.

O ESPORTE COMO ELO SOCIAL

Na interseção entre educação, cidadania e inclusão, o trabalho da professora Adriana Barbosa Machado nas vilas olímpicas do Rio de Janeiro revela como o esporte pode ser um poderoso articulador de vínculos e oportunidades. Atuando em territórios marcados por vulnerabilidades, ela observa diariamente o impacto que a prática esportiva tem na vida de crianças e adolescentes. “As vilas dão oportunidade para muitos que estão em situação de exposição social. Elas promovem saúde física e mental, ensinam valores, disciplina e ajudam até no rendimento escolar”, afirma.

Mais do que espaços de treino, elas se consolidam como ambientes de pertencimento e acolhimento. “A procura tem crescido muito. Acho que é porque são espaços públicos, abertos, onde o jovem se sente pertencente”, explica Adriana, destacando o papel das políticas públicas no acesso ao esporte de qualidade.





Ela também chama atenção para o protagonismo dos educadores nesse processo: “As vilas utilizam o esporte como ferramenta pedagógica, e os professores de Educação Física são fundamentais nesse processo. São eles que inspiram e incentivam o aluno a continuar, dentro e fora da escola”. Além disso, Adriana destaca a importância da articulação entre as vilas e as escolas, criando uma rede de apoio que amplia o alcance da prática esportiva e fortalece o vínculo entre educação formal e não formal.

QUANDO O CORPO APRENDE, A VIDA SE TRANSFORMA

Três professoras, três territórios de atuação, uma mesma missão: fazer da Educação Física uma experiência de autoconhecimento, pertencimento e cidadania. Em contextos diversos, da escola pública à vila olímpica, elas mostram que o movimento é mais do que gesto técnico: é linguagem, é vínculo, é potência de transformação.

Renata revela como o corpo pode ler o mundo e dar vida às histórias, unindo literatura e expressão corporal em práticas criativas e significativas. Elaine reforça que cada conquista física é também uma vitória emocional, capaz de fortalecer a autoestima e abrir caminhos para

o aprendizado. Já Adriana mostra que o esporte, quando acessível e acolhedor, se torna elo social e ferramenta de inclusão, promovendo saúde, disciplina e esperança em territórios vulneráveis.

Como resume Renata, “é com boas aulas e estudo contínuo que mostramos o quanto a Educação Física é essencial”. Elaine completa: “Nosso trabalho é diário, uma luta constante para provar nossa importância”. E Adriana arremata com a certeza de quem vive o impacto do esporte todos os dias: “Esses espaços melhoraram a saúde, a qualidade de vida e promovem inclusão social”. Entre quadras improvisadas, pipas recicladas e livros que ganham corpo, a Educação Física segue cumprindo seu papel maior: mover pessoas, por dentro e por fora.

E Mz 478 Odilon Bernardes

Ciep - Centros Integrados de Educação
Pública (Escola Pública Municipal)

Rua Um – Planalto Marambaia – Itaboraí/RJ

CEP: 24859-408

Tel.: (21) 3310-0995

E-mail para contato:

e.m.odilon.bernardes@itaborai.rj.gov.br

Professora: Elaine Sutero de Souza

Fotos cedidas pela escola

Vila Olímpica Felix Mieli Venerando

Rua Ururaí, s/nº – Honório Gurgel – Rio
de Janeiro/RJ

CEP: 28605-020

Tel.: (21) 3373-0411

Professora: Adriana Barbosa Machado

GET Josué de Sousa Montello

Campo de São Cristóvão, 115 – São
Cristóvão – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 20921-440

Tels.: (21) 2233-5666 / 97686-9324
(WhatsApp)

E-mail: emmontello@rioeduca.net

Professora: Renata Pine (e-mail:
renatapini@rioeduca.net)

Fotos do banco de imagens GettyImages.



UM MERGULHO NA CULTURA INDÍGENA

EDUCAÇÃO INFANTIL



Educação infantil aprende sobre diversidade, empatia e sustentabilidade em projeto inspirador

Com o objetivo de promover o respeito, a valorização e a preservação das culturas e conhecimentos dos povos originários, o projeto *Circuito de Vivências Indígenas*, idealizado pela educadora Luciene Albernaz Dias, trouxe uma imersão rica e sensível sobre a história e o modo de vida indígena para as turmas da Educação Infantil do Espaço de Desenvolvimento Infantil Fernão Dias, localizado em Marechal Hermes. Mais do que um conjunto de oficinas, o projeto se propôs a integrar a história, a língua, os costumes e as visões de mundo indígenas ao currículo escolar, promovendo uma educação inclusiva e antirracista, em consonância com a Lei 11.645/08, que determina o ensino da História e Cultura Indígena e Afro-brasileira nas escolas.

RESGATE CULTURAL E NOVAS FORMAS DE APRENDER

Inspirado no PPA da unidade “EDI Fernão Dias viaja no tempo: dos dinossauros à inteligência artificial”, o circuito foi desenvolvido durante o segundo bimestre, dentro da temática “Povos Originários: nossas raízes, nossa cultura”. Como material norteador, as atividades se basearam no livro *Kijetxawê Zabelê: Aldeia Kaí* – produzido por estudantes e professores Pataxó – e no álbum *Nãnde Reko Arandu*, que reúne cantos e músicas tradicionais guaranis. O projeto envolveu pesquisa, formação dos profissionais e intensa participação da comunidade escolar. Famílias contribuíram com materiais e recursos pedagógicos, fortalecendo o vínculo entre escola e território.



UMA SEMANA INTEIRA DE DESCOBERTAS

A culminância do projeto foi realizada ao longo de uma semana na sala de leitura, transformada em um verdadeiro espaço de vivências. Cada turma participou de estações temáticas repletas de experimentação, arte e ludicidade. As atividades começaram com as turmas do maternal II, que exploraram a Estação do Faz de Conta, tendo o urucum como elemento central. As crianças puderam conhecê-lo em diferentes formas, fruto, semente e pó e manusear utensílios do cotidiano indígena, como cestos, panelas e gravetos, em um jogo simbólico que estimulou a curiosidade e as sensações táteis.

Na sequência, as turmas da pré-escola II vivenciaram um mergulho artístico ao reproduzirem grafismos indígenas inspirados no livro *Kijetxawê Zabelê*. As turmas da manhã utilizaram giz e carvão, enquanto as da tarde criaram com tintas naturais produzidas com urucum, café, açafrão e

beterraba. Já as turmas da pré-escola I participaram de uma experiência sensorial com alimentos de origem indígena, explorando o nome, a textura, a cor, o peso e o aroma de alimentos como mandioca, mamão e melancia, que depois foram degustados coletivamente em roda.

Outro momento marcante foi a Estação de Modelagem, em que as crianças da Pré-escola II colocaram a mão na argila para criar panelas, vasos e outros objetos inspirados em artefatos indígenas, exercitando a criatividade e o senso estético. Encerrando o circuito, a Estação Rio e Natureza apresentou a história “Iamani, a mãe d’água”, produzida por estudantes da Escola Indígena Kijetxawê Zabelê. Após a contação, os alunos participaram de uma pescaria simbólica e de uma brincadeira cantada sobre as marés, encerrando a semana de forma lúdica e cheia de aprendizados sobre a relação entre natureza e cultura.



EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA

De acordo com a idealizadora, o *Circuito de Vivências Indígenas* ampliou o repertório cultural e cognitivo dos participantes, fortalecendo o respeito à diversidade, o senso ambiental e a empatia. As crianças passaram a compreender que os indígenas fazem parte ativa da sociedade contemporânea, utilizam tecnologia e vivem em contextos variados, desconstruindo estereótipos e visões folclorizadas. Para os educadores, o projeto se consolidou como inspiração para novas práticas pedagógicas pautadas em respeito, identidade e valorização cultural.

A experiência vivida no *Circuito de Vivências Indígenas* também marcou os profissionais envolvidos. Para a diretora-adjunta Nathally da Silva Santos, participar do projeto foi uma oportunidade única de valorização da diversidade cultural e de promoção do respeito às tradições dos povos originários. Ela destaca que a vivência foi profundamente enriquecedora tanto para os professores quanto para as crianças, despertando curiosidade, interesse e consciência sobre a importância da preservação ambiental e cultural.

A professora Fabiana Ennes Lima, por sua vez, ressalta o encantamento e o envolvimento das crianças durante as oficinas. Segundo ela, a cada vivência era possível perceber o crescimento do respeito e da admiração pela cultura indígena. Fabiana afirma que foi emocionante acompanhar o entusiasmo dos alunos ao manusear os materiais, ouvir as histórias e se expressar por meio das artes. Para ela, iniciativas como essa plantam sementes de aprendizado, troca e afeto que permanecem na trajetória de cada participante.

EDUCAÇÃO PARA O PRESENTE E O FUTURO

Com uma abordagem transdisciplinar, o *Circuito de Vivências Indígenas* reafirmou o papel da escola como espaço de transformação social e de construção de conhecimento coletivo. Mais do que ensinar sobre os povos indígenas, o projeto ensinou com eles, valorizando suas vozes, saberes e modos de existir, e permitiu formar cidadãos mais conscientes, empáticos e críticos.

Espaço de Desenvolvimento Infantil Fernão Dias

Rua Marapendi, 257 – Marechal Hermes – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21557-130

Tel.: (21) 3018-2118

E-mail: edifernaodias@rioeduca.net

Fotos cedidas pela escola

DO CLIQUE À CONSCIÊNCIA

TECNOLOGIA • *POR ANTÔNIA FIGUEIREDO*

Quando a Inteligência Artificial se torna aliada da aprendizagem crítica



Com sensibilidade e propósito, o professor Eduardo Inez, do Colégio Estadual Alexander Graham Bell, em Duque de Caxias, vem mostrando que a tecnologia pode ser uma ponte entre a alfabetização digital e o pensamento crítico, e não um atalho.

Docente de Língua Estrangeira (espanhol) e de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Alfabetização e Letramento, Eduardo também ministra Letramento Digital no Ciep Etec 035 Marechal Henrique Teixeira Lott. Em suas aulas, a Inteligência Artificial (IA) é mais do que uma ferramenta, é um campo fértil para o exercício da autoria, da ética e da curiosidade.

BLOG COMO SALA DE AULA

No último trimestre, o professor desenvolveu com as turmas do 7º, 8º e 9º anos um projeto interdisciplinar intitulado *Ondas de calor e mudanças climáticas*. A proposta desafiou os estudantes a compreender como o aquecimento global afeta diferentes setores da sociedade e a relacionar o tema aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU.

“Usamos o ChatGPT, o Sora e o Gemini para produzir textos e imagens, além do Blogger, do Google, para publicar o resultado das produções”,

explica o professor. A sequência didática foi estruturada em quatro etapas: pesquisa, redação de textos dissertativos, ilustração com imagens criadas por IA e transformação do conteúdo em hipertextos multimodais dentro da plataforma.

Mais do que aprender a usar ferramentas, os alunos foram convidados a refletir sobre o uso ético e responsável da tecnologia. “A cada passo, reforçávamos a importância de checar as informações e recorrer a fontes seguras, artigos científicos, livros e professores. A IA é apoio, não substituto do pensamento crítico”, destaca Eduardo.

ENTRE ALGORITMOS E AFETO

O projeto revelou uma verdade que ultrapassa a dimensão tecnológica, já que formar leitores e escritores digitais ainda é um desafio. “Encontramos muitos obstáculos, desde o simples ato de recuperar uma senha até compreender os gêneros textuais que compõem um blog”, relata Eduardo. “Há um mito de que essa geração é naturalmente fluente digital, mas muitos estudantes ainda não dominam comandos básicos ou não sabem formular boas perguntas às IAs”, revela.

Mas, com paciência e orientação, o cenário mudou, pontua o professor. “Foi emocionante ver o brilho nos olhos dos alunos quando perceberam que aquele conteúdo publicado era fruto de suas próprias ideias. Eles se tornaram protagonistas da produção e não meros consumidores de tecnologia”, frisa.



ESTRUTURA QUE SUSTENTA A INOVAÇÃO

Eduardo ressalta que experiências como essa só se concretizam quando há infraestrutura adequada, planejamento didático consistente e tempo pedagógico ampliado. “São necessários equipamentos, internet estável e, principalmente, uma carga horária que permita o aprofundamento. Trabalhar com cultura digital exige de quatro a seis tempos de aula semanais para que a aprendizagem seja realmente significativa”, observa.

Ele também reforça que inovar requer mais do que acesso, exige intencionalidade pedagógica e a capacidade de transformar o uso da tecnologia em experiência formativa.

ENSINAR A PENSAR: O PAPEL INSUBSTITUÍVEL DO PROFESSOR

Doutorando em Humanidades e Artes, com menção em Educação pela Universidade Nacional de Rosario (Argentina) e mestre em Ciências da Educação pela Fics (Paraguai), Eduardo Inez defende uma educação que una tecnologia, ética e humanização. “Inteligência Artificial é ferramenta. O professor é quem dá sentido a ela”, afirma. “É o olhar humano que garante o aprendizado, o vínculo e a formação ética dos estudantes”.

Entre algoritmos, textos e descobertas, sua prática reafirma um princípio essencial, de que educar na era digital é, antes de tudo, ensinar a pensar. Porque, diante de tantas telas, é o olhar humano que ancora o sentido, e é nele que a consciência se acende. Na escola conectada de hoje, o clique pode até iniciar o processo, mas é a escuta, o diálogo e a intencionalidade docente que o transformam em aprendizagem viva.

**Colégio Estadual Alexander
Graham Bell**

Rua Santa Rita, s/nº – Jardim Primavera – Duque de Caxias/RJ

CEP: 25212-360

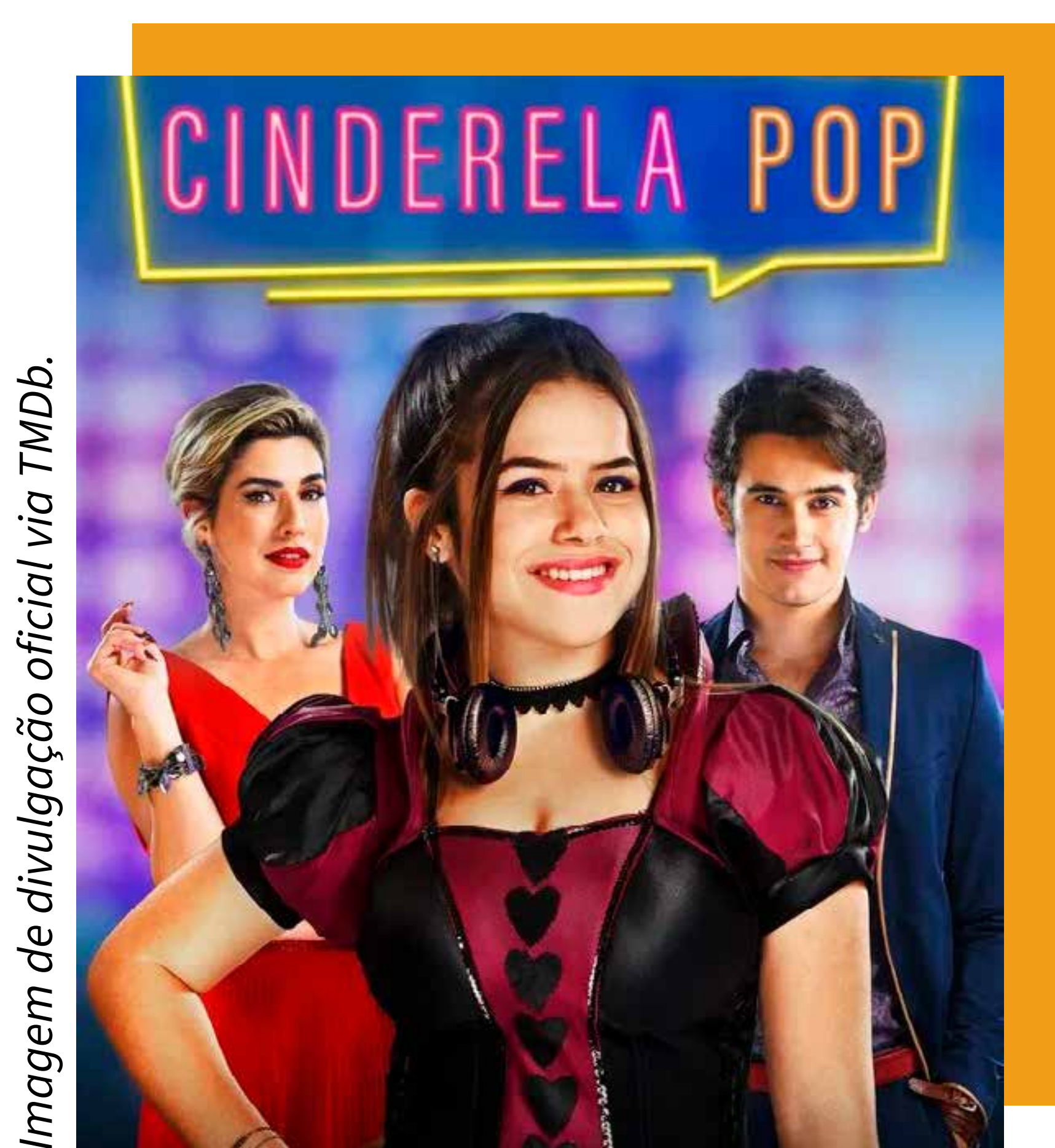
ENSINAR NUNCA FOI TÃO DIVERTIDO!

CONEXÃO EDUCAR

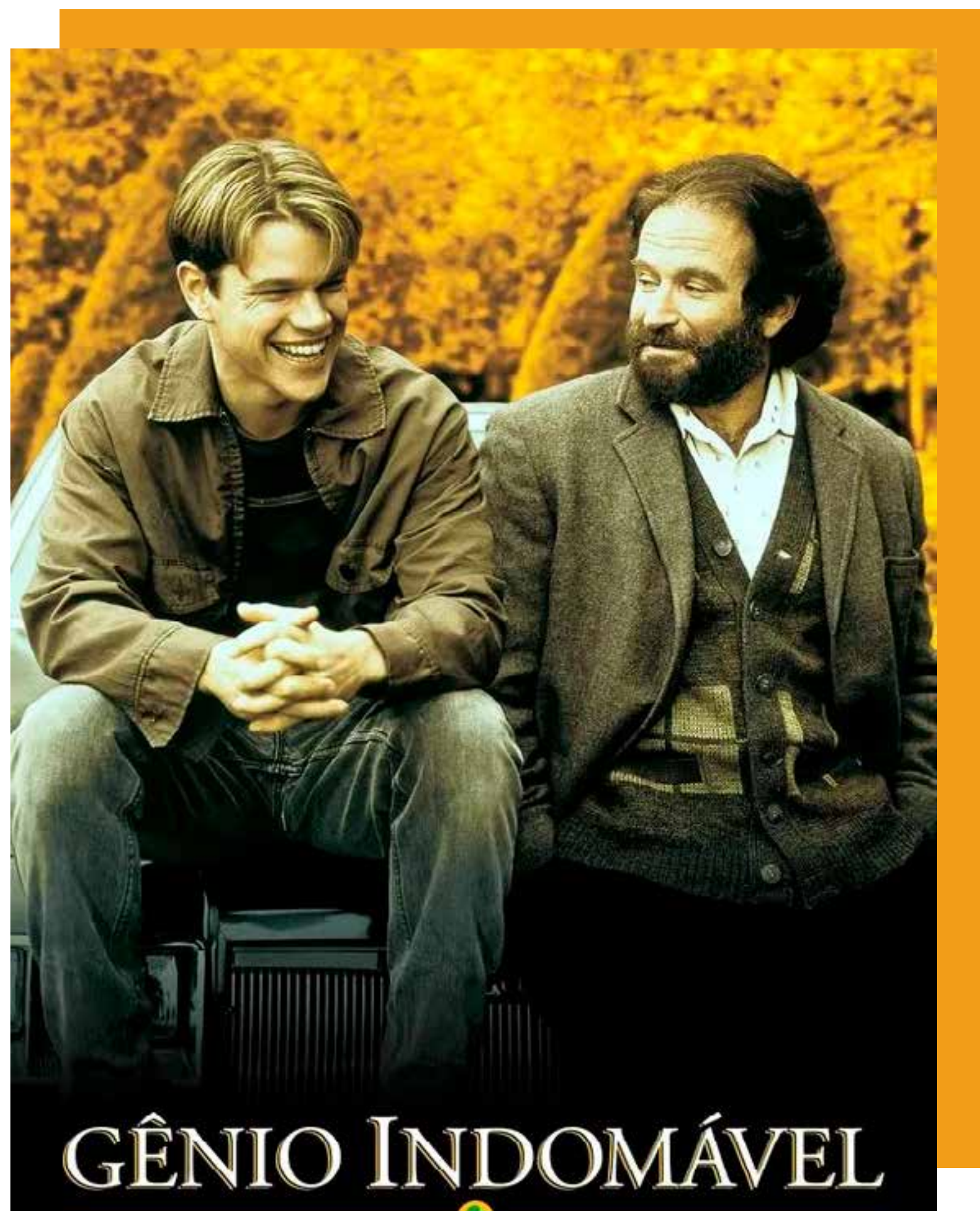


Filmes, séries e animações que inspiram reflexões e ampliam o diálogo em sala de aula. Confira as dicas que preparamos para esse mês!

Histórias têm o poder de abrir caminhos para o conhecimento e tornar a aprendizagem ainda mais envolvente. Pensando nisso, a editoria **Conexão Educar** traz indicações de filmes, séries e animações que estimulam a curiosidade, promovem reflexão e aproximam teoria e prática. A dinâmica é simples: o professor sugere a obra, os alunos assistem em casa ou onde preferirem e, em seguida, compartilham impressões em sala de aula. Esse diálogo pode ser enriquecido quando o professor conecta o conteúdo assistido com a disciplina, ampliando sentidos e interpretações. Confira as sugestões deste mês e leve mais inspiração para suas aulas!



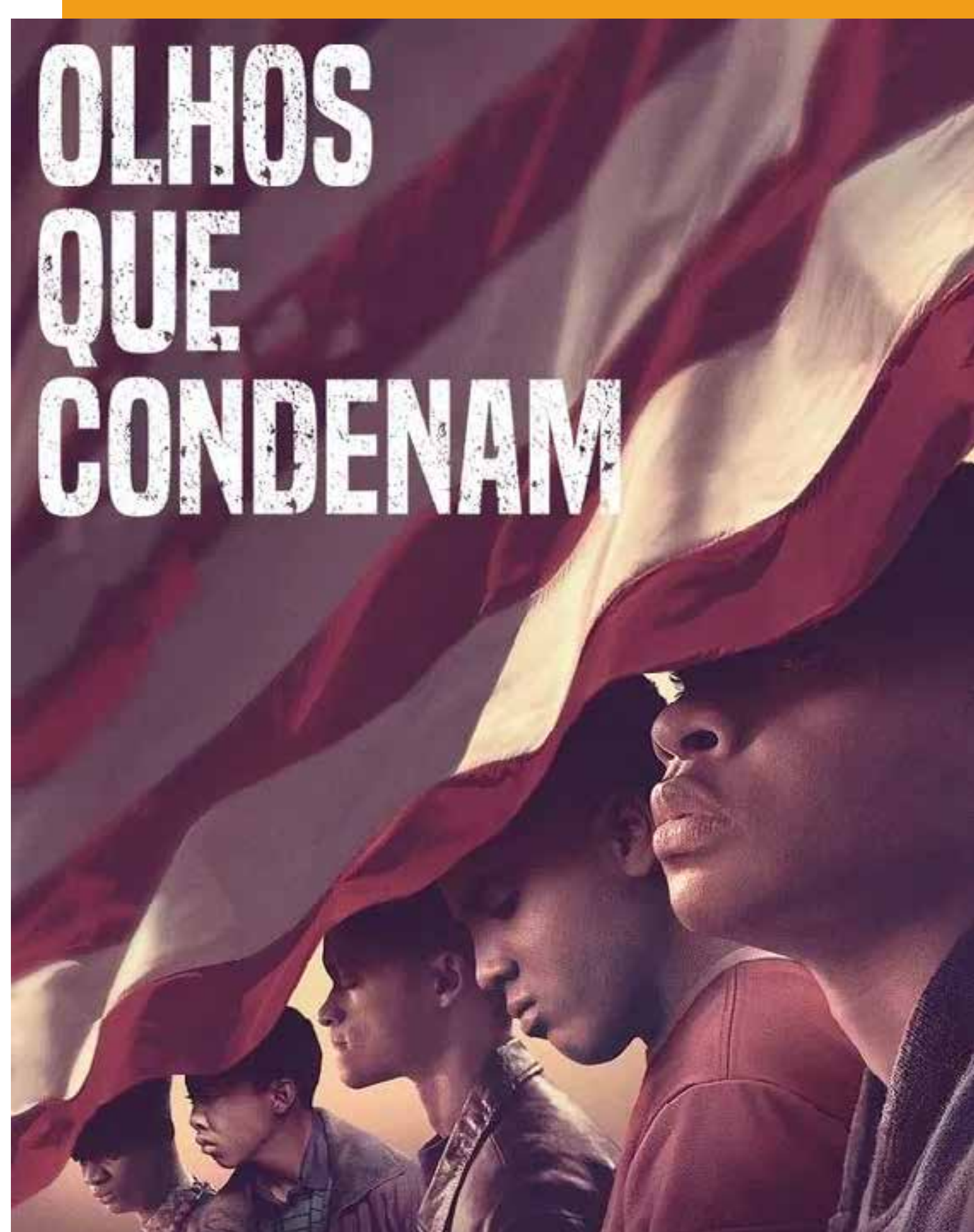
Cinderela Pop (filme): uma DJ adolescente independente e desiludida com o amor estava decidida a escolher seu próprio futuro. O filme brasileiro é releitura moderna do conto de fadas, adaptado para a cultura nacional. O conteúdo pode ser trabalhado em língua portuguesa e literatura.



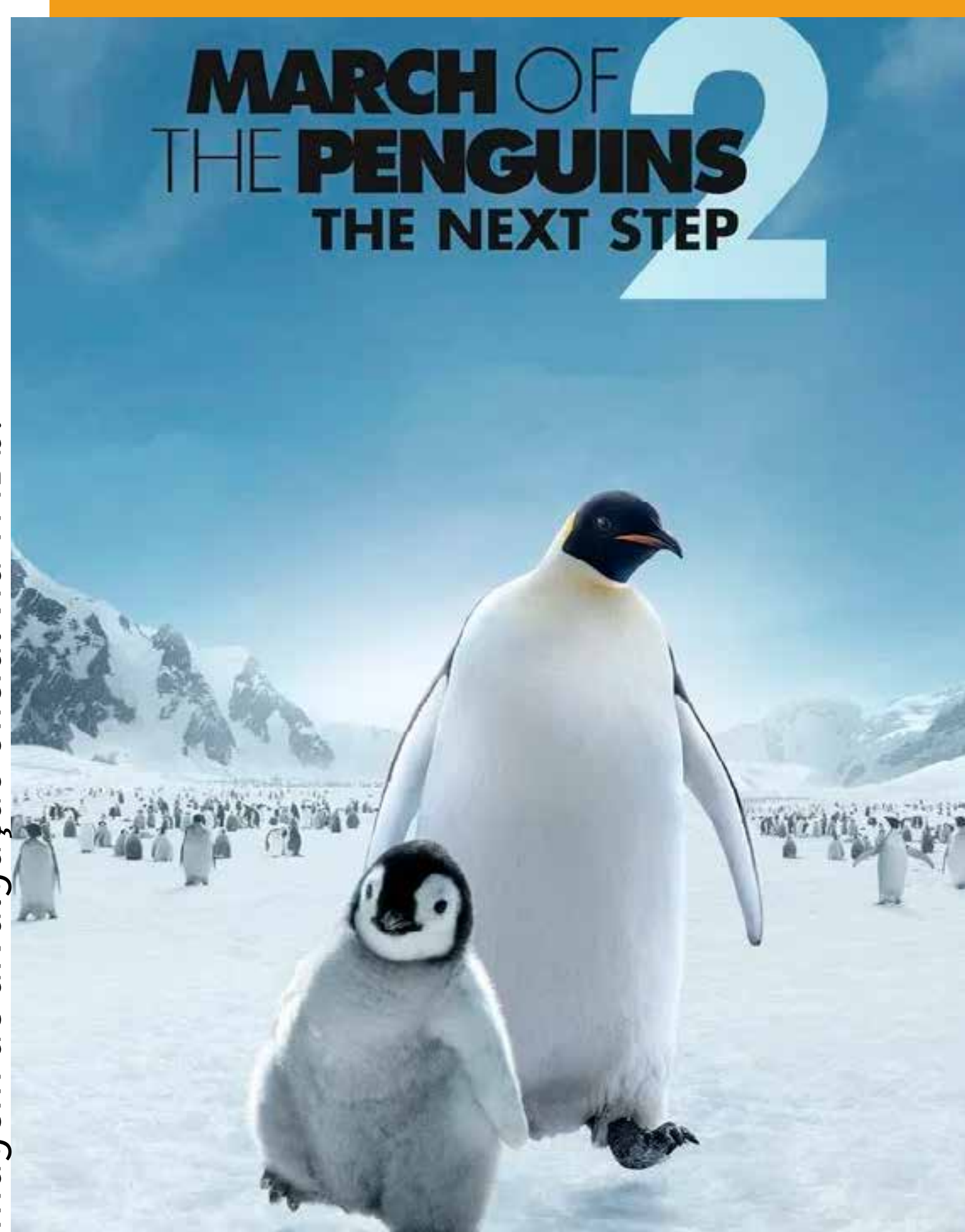
Gênio Indomável (filme): uma obra profunda que conecta habilidades acadêmicas e questões emocionais. Aborda temas como talento, desigualdades sociais, resolução de problemas complexos, autoestima, relações interpessoais e superação de traumas. O conteúdo pode ser trabalhado em matemática, sociologia e psicologia.



Coraline e o Mundo Secreto (animação): uma garota aventureira descobre um outro mundo que é uma versão idealizada estranhamente de sua casa frustrante. Baseado no livro de Neil Gaiman, a obra explora temas como coragem, o poder da imaginação e a dualidade entre o real e o fantástico. O conteúdo pode ser trabalhado em literatura.



Olhos que Condenam (série): baseada em uma história real, cinco adolescentes do Harlem vivem um pesadelo depois de serem injustamente acusados de um ataque brutal no Central Park. O conteúdo pode ser trabalhado em história e temas transversais.



A Marcha dos Pinguins 2: a Chamada (filme): submarinos e drones acompanham um jovem pinguim Imperador e como enfrenta os dilemas do aquecimento global. O filme mostra os desafios enfrentados por uma nova geração de pinguins e trata temas como ecossistemas e adaptação animal. O conteúdo pode ser trabalhado em ciências e biologia.

OUÇA TAMBÉM O PODCAST

“O PODER DO CINEMA NA EDUCAÇÃO”

Neste episódio, além de sugestões de filmes, contamos com a participação de convidados especiais para conversar sobre o tema. Eles contextualizam e evidenciam por que o audiovisual é uma ferramenta tão poderosa para o aprendizado. Aperte o *play* e seja uma inspiração em suas aulas!

Para ouvir em outras plataformas de *streaming*, [acesse aqui](#).

CURTIU, PROFESSOR?

Se você tem alguma dica que adoraria ver aqui, não deixe de enviar para a gente pelo e-mail redacao@appai.org.br. Vamos adorar compartilhar as suas sugestões!

Foto: Getty Images | [Evgenyatamanenko](#).

Fontes: Consultoria de Paulo Rogerio Rodrigues de Souza (Escola Bilíngue Aubrick), Juliana Nico (Escola Internacional de Alphaville) e Aline Souza (Brazilian International School).

ESCOLAS PIONEIRAS

COLUNA SOCIOAMBIENTAL • POR LUIZ ANDRÉ FERREIRA*

Projetos que unem tecnologia e sustentabilidade ganham destaque na COP30

Em meio às preparações para a COP30 realizada no Brasil, os professores fizeram o “dever de casa” com a sustentabilidade ganhando ainda mais protagonismo como tema de atividades educacionais de forma interdisciplinar, ou seja, trabalhado de forma diferente por várias disciplinas, entre elas ciências, tecnologia, engenharia, artes e até matemática. Isso sem falar em matérias que trabalham a língua portuguesa, sendo uma das temáticas mais abordadas em redações.

Após a repercussão do evento a ser realizado no Pará, a temática tende a ganhar ainda mais força fechando o exercício acadêmico de 2025 com chave de ouro para os professores docentes. Seis ações se destacam. Em Pojuca (BA), tem o projeto *RobôDelas*, liderado pelo profes-

sor Manassés Fernandes Costa Neto, na Escola Municipal Professor Francisco Magalhães Neto, que combina robótica e sustentabilidade para empoderar meninas do 8º ano e contrariar o estereótipo de que é um tema masculino.

Em Ananindeua (PA), o professor de geografia José Ribamar Braun Viana dos Santos lidera o *Essência dos mitos*, que conecta educação ambiental e valorização da cultura amazônica com criação de perfumes, aromatizadores e sabonetes com matérias-primas regionais. Em Nova Lima (MG), estão sendo colhidos os frutos de uma iniciativa inovadora que une sustentabilidade, educação e alimentação saudável. Sob a liderança da professora Roberta Cristina Gomes Araújo, o projeto *Hidroponia na escola* envolve 160 alunos do Ensino Fundamental em um processo interdisciplinar de criação de uma horta hidropônica.

Na cidade de Marabá (PA), está sendo desenvolvido o *ConsCIÊNCIA*, coordenado pelo professor Daniel Oliveira da Silva. A iniciativa envolve 100 estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental em ações de sustentabilidade produzindo adubo por composteiras, fabricação de sabão com óleo de cozinha descartado e mutirões de limpeza. Em Cabrobó (PE), o professor Marcelo Augusto Alves da Silva comanda o projeto *Arte e meio ambiente: reciclando papel e a mente*, que engaja 60 alunos do 3º ano do Ensino Médio na reutilização de materiais para criar cadernos e cartolinas.

Na Zona Leste de São Paulo, em Guaianases, o projeto *Recicle e brinque*, liderado por Alessandra Cruz Lima, transforma lixo eletrônico em esculturas, integrando ciências, artes, matemática e robótica. O mapeamento inédito feito pelo Instituto Catalisador destaca como professores de todo o Brasil estão aplicando a abordagem STEAM (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática) de forma criativa e signifi-



*Luiz André Ferreira é professor universitário, jornalista, podcaster, Mestre em Bens Culturais e em Projetos Socioambientais.

cativa. Realizado em cinco etapas, o levantamento coletou 240 relatos e identificou que, em sua maioria, no país as ações são fruto de esforços individuais dos docentes, sem um maior envolvimento da escola ou um apoio sistêmico das secretarias de educação.

Há honrosas exceções como o estado do Pará e a cidade do Rio de Janeiro em que as instituições de ensino se mostraram mais atuantes na criação de projetos interdisciplinares, apoiando seus professores em suas iniciativas. Pela tradição de ter abrigado a Eco 92, o mais significativo evento e que abriu os olhos do mundo para as questões ambientais, a temática desde esse tempo virou uma rotina nas salas de aula cariocas.

PROTAGONISMO ESTUDANTIL EM AÇÃO

CIDADANIA



A Feira Transdisciplinar revela o protagonismo estudantil em projetos que unem conhecimento, empatia e compromisso com o planeta

Com o tema “Agenda 2030 – Juventude e Protagonismo na Transformação da Sociedade”, a Feira Transdisciplinar reuniu alunos do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio em uma experiência imersiva de aprendizado, reflexão e engajamento social. O projeto, desenvolvido ao longo do primeiro semestre, foi organizado pela equipe escolar mobilizando todo o corpo docente do C. E. Professora Vera Lúcia Tavares Romão, localizado em Duque de Caxias, em uma experiência pedagógica que uniu pesquisa, arte e cidadania.

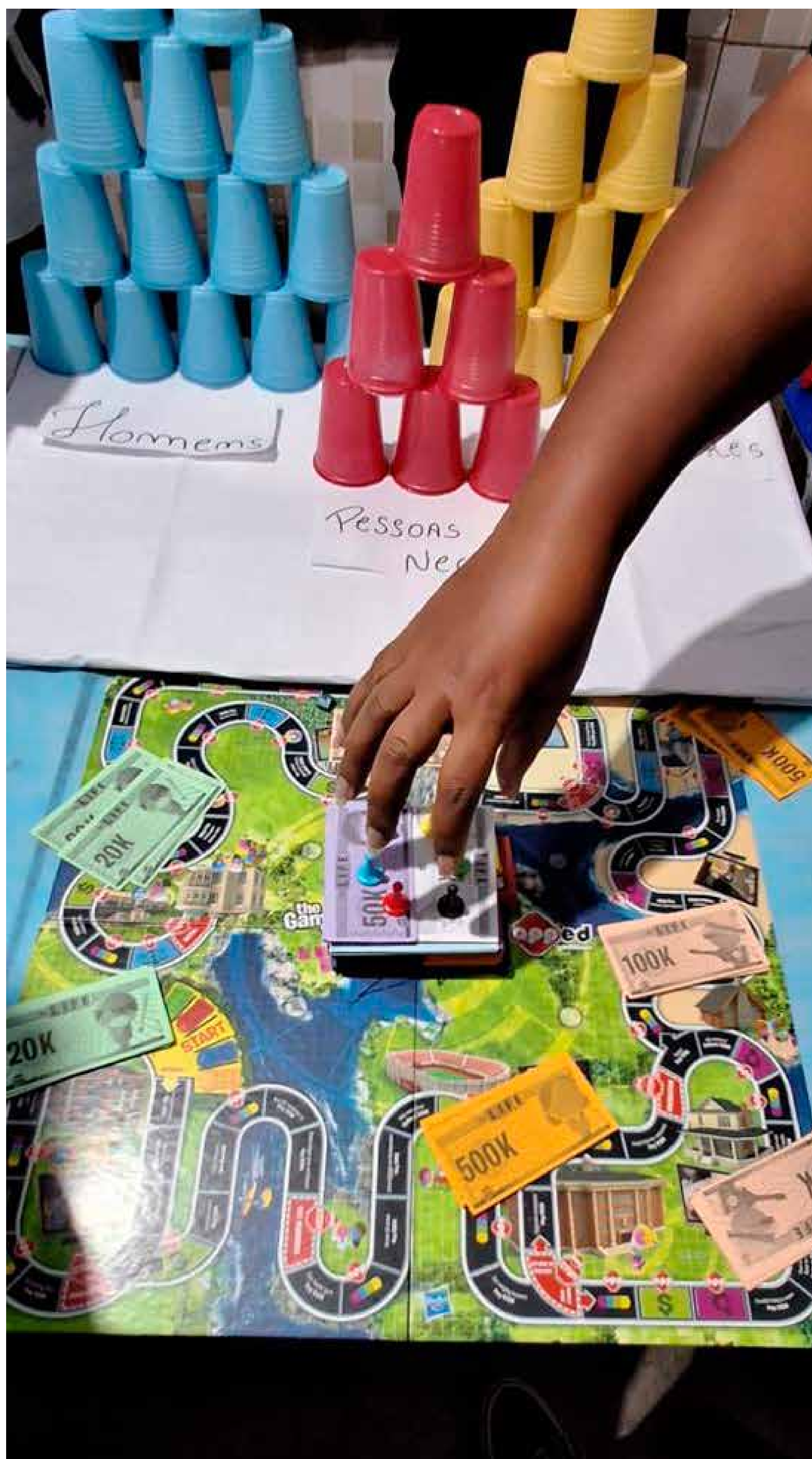
O principal objetivo da iniciativa foi promover uma reflexão crítica e colaborativa sobre o papel da juventude na construção de uma sociedade mais justa, sustentável e inclusiva, a partir dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU. A proposta incentivou o protagonismo estudantil por meio de projetos transdisciplinares e ações práticas que aproximaram os estudantes dos desafios reais do mundo contemporâneo.

A Feira Transdisciplinar foi estruturada em quatro etapas principais. A primeira fase, de sensibilização, contou com rodas de conversa, vídeos e artigos que introduziram o tema da Agenda 2030 e seus 17 ODS, destacando

o papel da juventude como agente de transformação social. Em seguida, cada professor orientador selecionou um dos objetivos para aprofundar com sua turma, relacionando o tema às realidades locais e globais.



Na terceira etapa, os alunos, com o apoio dos professores e da equipe pedagógica, realizaram pesquisas, entrevistas, ações de campo e coleta de dados, além de produzirem materiais expositivos, maquetes, documentários e protótipos. Por fim, os resultados de todo esse processo foram apresentados durante os três dias da feira, por meio de exposições, vídeos, apresentações orais, intervenções artísticas e atividades interativas, como *quizzes* e debates.



Os trabalhos apresentados mostraram o comprometimento e a criatividade dos estudantes em temas de grande relevância social. Entre os destaques, estiveram as produções da Turma 1.002, que teve como tema a *Desigualdade no mercado de trabalho*; a Turma 2.001, com o projeto *Desigualdade social por meio do cinema*; a Turma 2.003, que também tratou da desigualdade social; a Turma 3.004, com o trabalho *Desigualdade racial em dados e gráficos*; e a Turma 3.005, que desenvolveu dois projetos: *Fome Zero: reaproveitamento de alimentos* e *Fome do sertão à cidade grande – você tem fome de quê?*.

Cada grupo trouxe à tona reflexões potentes sobre as desigualdades que ainda persistem e propostas de transformação social baseadas na empatia e na cooperação. Mais do que uma exposição de trabalhos, a Feira Transdisciplinar 2025 representou uma experiência transformadora, que estimulou nos estudantes o desenvolvimento de competências essenciais para o século XXI, como o pensamento crítico, a empatia, a colaboração e a responsabilidade social.

Para a diretora Talita Fonseca, a atividade evidenciou o papel central

dos jovens na construção de um futuro mais humano e sustentável. “A feira mostrou que nossos alunos são capazes de pensar o mundo de forma crítica e propor mudanças concretas. Eles são, de fato, protagonistas do futuro”, destacou. Assim, a Feira Transdisciplinar 2025 reafirmou o compromisso da escola com a formação integral de seus estudantes, valorizando o conhecimento aliado à sensibilidade social e ao compromisso com o planeta, princípios que estão na Agenda 2030 e que fortalecem o papel da juventude como agente de transformação da sociedade.





Colégio Estadual Professora Vera Lúcia Tavares Romão

Rua Cunha Matos, LT 22, Qd 03 – Parque João Pessoa –
Duque de Caxias/RJ

CEP: 25220-040

Tel.: (21) 2778-7880

E-mail: pedagogicoprofveralucia@gmail.com

Fotos cedidas pelo colégio

Professor, agora ficou muito mais fácil publicar seus projetos na Revista Appai Educar Digital!

Esqueça os e-mails: tudo está automatizado!
Basta acessar o link, preencher o formulário e pronto.
Rápido, prático e sem complicações.

Clique aqui e envie

